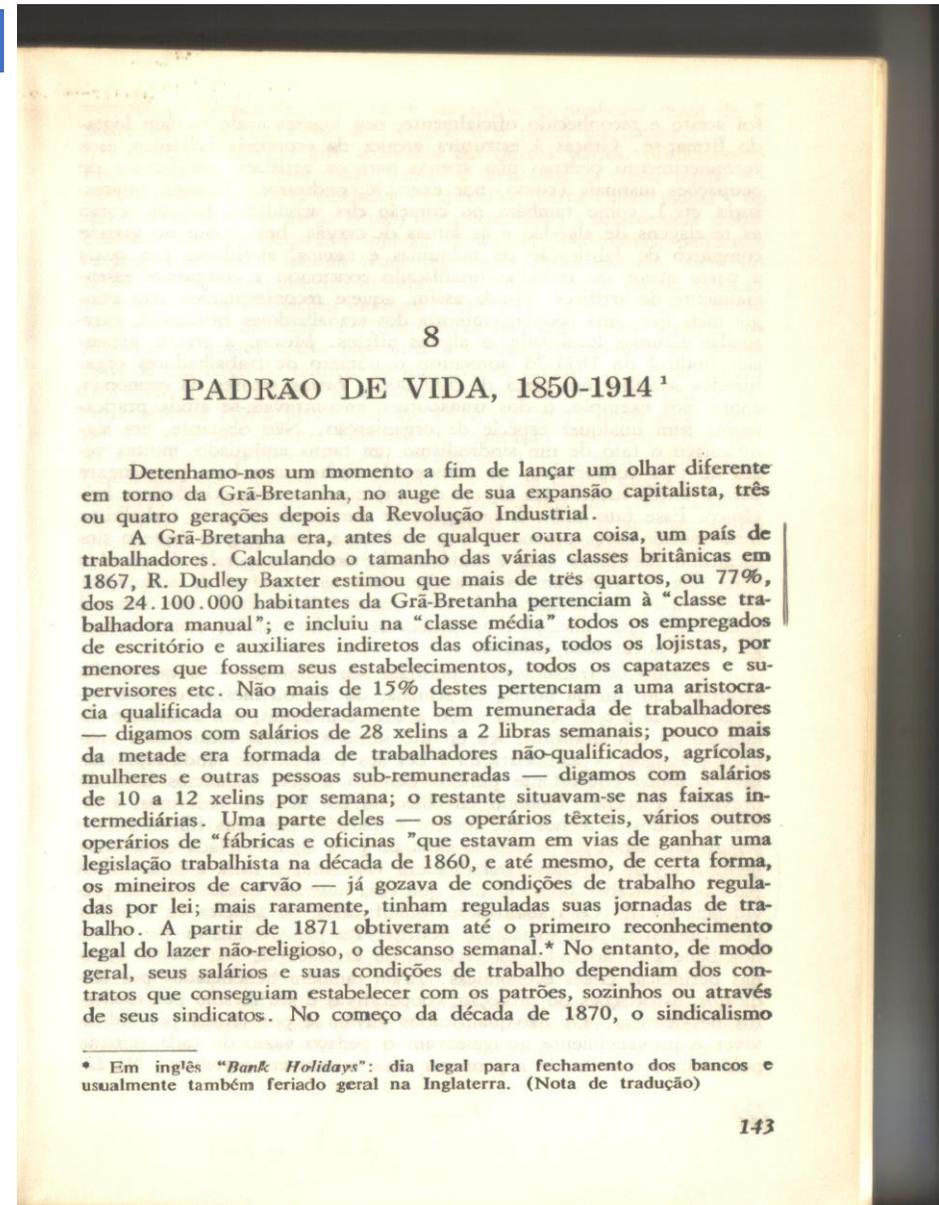


**HOBBSBAWM, Eric J.**

***Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.***

**2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979, cap. 8, Padrão de vida, 1850-1914, pp. 143-159.**



foi aceito e reconhecido oficialmente, nos lugares onde haviam logrado firmar-se. Graças à estrutura arcaica da economia britânica, esse reconhecimento ocorreu não apenas para os artífices qualificados de ocupações manuais (como, por exemplo, pedreiros, alfaiates, impressores etc.), como também no coração das atividades básicas, como as tecelagens de algodão e as minas de carvão, bem como no grande complexo de fabricação de máquinas e navios, atividades nas quais a parte maior do trabalho qualificado continuou a compor-se essencialmente de artífices. Ainda assim, aquele reconhecimento não atingia mais que uma pequena minoria dos trabalhadores britânicos, excetuadas algumas localidades e alguns ofícios. Mesmo a grande expansão sindical de 1871-73 aumentou o número de trabalhadores organizados somente em cerca de 500.000. Vastos setores da economia, como, por exemplo, o dos transportes, encontravam-se ainda praticamente sem qualquer espécie de organização. Não obstante, era significativo o fato de um sindicalismo um tanto antiquado, muitas vezes do tipo corporativo, ter conseguido firmar uma base permanente para avanços futuros em alguns dos principais setores econômicos britânico. Esse fato tinha a vantagem de dar ao movimento trabalhista uma enorme força potencial, mas também a desvantagem (que o sindicalismo partilhava com a indústria britânica em geral) de onerá-la com uma estrutura um tanto antiquada e não passível de adaptação; desde então, os partidários de uma organização sindical mais racional e eficiente (por exemplo, os sindicatos "industriais"), nunca conseguiram destruir esse entrave.

Quando os trabalhadores perdiam seu emprego — o que podia acontecer ao fim da tarefa, da semana, do dia ou mesmo da hora — nada tinham a que recorrer salvo a suas economias, sua associação de amparo ou seu sindicato, seu crédito junto a lojistas locais, seus vizinhos e amigos, o penhorista ou a Lei dos Pobres, que ainda representava o único equivalente público daquilo a que chamamos hoje de previdência social. Quando envelheciam ou ficavam enfermos, estavam perdidos, a menos que fossem amparados por seus filhos, pois o seguro ou planos de pensão só existiam para alguns. Nada caracteriza melhor a vida da classe trabalhadora vitoriana, e nada é mais difícil para nós conceber hoje em dia, que essa ausência quase total de previdência social. Os trabalhadores qualificados, ou aqueles empregados pelas indústrias em expansão, desfrutavam provavelmente de alguns dos benefícios advindos da escassez de artesãos de seu ofício, salvo nas periódicas crises econômicas. Eram também beneficiados por sindicatos, associações de proteção, cooperativas e até mesmo por modestos pés-de-meia. Os não-qualificados davam-se por felizes por sobreviver e provavelmente atravessavam o pedaço vazio de cada semana penhorando e voltando a penhorar seus miseráveis pertences. Na Li-

verpool da década de 1850, 60% de todos os penhores eram de 5 xelins ou menos, e 27% de 2 xelins e 6 pence ou menos.

Diversamente do que acontecia em outros países, praticamente não existia uma "classe média baixa" a separá-los da classe média — cu a ligá-los a ela. Na verdade, a expressão "baixa classe média", no sentido em que era usada então, designava tanto a aristocracia trabalhadora como os pequenos lojistas, donos de hospedarias, pequenos empregadores etc., muitas vezes recrutados dessa camada, além do estrato extraordinariamente diminuto de burocratas e outras pessoas empregadas em ocupações análogas. Em 1871 havia apenas 10.000 "funcionários comerciais" e "funcionários bancários" para conduzir os negócios da maior nação mercantil e bancária do mundo — pouco mais de um terço do número de mineiros de carvão. A posição desses funcionários era respeitada, embora seus rendimentos não fossem necessariamente muito altos, pois até 1870 ou depois dessa data, quando se criou um sistema nacional de educação elementar (que não se tornou realmente compulsório senão em 1891), nem mesmo a alfabetização era universal. O estilo de vida da classe média era visivelmente o modelo de famílias como os Pooters de "The Laurels", Holloway — os subúrbios de funcionários burocratas surgiam muito lentamente, só ganhando mais impulso a partir da década de 1870 —, embora o trabalhador qualificado ou o pequeno lojista, em situação relativamente melhor, pudessem combinar uma imitação dos padrões materiais da classe média (como a aquisição de relógios de ouro e pianos) com outros hábitos que mantinham seus vínculos com o restante da classe trabalhadora manual, junto à qual em geral continuavam a viver. Caso se tornasse economicamente independente ou passasse à classe dos patrões — o que era bastante viável em atividades de pequeno porte, como a de construção e vários ramos metalúrgicos, bem como no pequeno comércio —, talvez o trabalhador abandonasse seu sindicato, ainda que o forte risco de falência e retorno para o proletariado fizesse-o menos propenso a tal. Contudo, desde que continuasse a ser um trabalhador, a abundância trazia moderação política, mas não o aburguesamento.

Observadores bem colocados socialmente poderiam chamar a Grã-Bretanha vitoriana de um país de classe média, mas na verdade a genuína classe média não era grande. Em termos de renda, na Inglaterra e no País de Gales talvez coincidissem em 1865-66 com as 200.000 declarações de 300 libras ou mais para fins de imposto de renda sob a Cédula D (rendimentos de negócios, profissões e investimentos). Naquele ano houve 7.500 declarações de rendimentos superiores a £7.500 libras anuais (riqueza substancial na época) e 42.000 declarações entre £1.000 e 1.500. Essa comunidade relativamente pequena incluiria os 17.000 comerciantes e banqueiros que

Charles Pooter — fictional character  
The Diary of a Nobody  
Estudante (Junk) 145  
de classe média de  
Londres

existiam em 1871, os 1.700 "proprietários de navios", o número desconhecido de donos de fábricas e minas, a maioria dos 15.000 médicos, 12.000 procuradores e 3.500 advogados, os 7.000 arquitetos e os 5.000 engenheiros civis — uma profissão que se expandia com enorme rapidez durante esses decênios, mas que, lamentável e sintomaticamente, deixou de crescer perto do fim do século. \* Não incluiria muitos daqueles que hoje são chamados de intelectuais. Havia somente 2.148 "escritores, redatores e jornalistas" (eram 14.000 às vésperas da I Guerra Mundial), nenhum cientista classificado separadamente nessa categoria, e um número estático de professores universitários, pois a Grã-Bretanha vitoriana era uma sociedade inculta.

A mais nítida característica da classe média ou daqueles que pretendiam imitá-la estava no fato de possuir empregados domésticos. O número destes, é verdade, aumentou substancialmente de 900.000 em 1851 para 1.400.000 em 1871, quase o número máximo que atingiram. \* Em 1971, entretanto, só havia cerca de 90.000 mulheres empregadas como cozinheiras e um número não muito maior de criadas, o que proporciona uma medida mais precisa — ainda que provavelmente pequena demais — do tamanho real da classe média; e como medida dos ainda mais ricos, havia 16.000 cocheiros particulares. Quem formava o restante dos que tinham criados? Talvez sobretudo os membros aspirantes da "baixa classe média", que se esforçavam por conquistar status e respeitabilidade, e que exatamente nessa época descobriam no controle da natalidade um meio de acelerar a consecução desse objetivo. Como pesquisas recentes demonstraram, foi a opção entre um melhor nível de vida, agora mais fácil de obter, e uma família grande que determinou o declínio da taxa de natalidade nas classes alta e média, discernível a partir da década de 1870.

Assim era a pirâmide social em meados do período vitoriano. Tratava-se de um fenômeno cada vez mais urbano, ou talvez, no que dizia respeito à classe média, um fenômeno suburbano, pois a migração dos não-proletários para as cercanias das cidades tomou vulto, particularmente na década de 1860 e, mais tarde, na de 1890. Em 1851, pela primeira vez a população urbana superou a rural. E, mais significativo, em 1881 cerca de dois entre cinco ingleses e galeses moravam nas seis gigantescas áreas construídas ("metrópoles") do país: Londres, o sudeste de Lancashire, a zona oeste das Midlands, a oeste de Yorkshire, Merseyside e Tyneside. E as zonas rurais eram só muito parcialmente agrícolas. Em 1851, dos 9.000.000 de britânicos economicamente ativos somente 2.000.000 ocupavam-se da agricultura;

\* Havia 3.329 engenheiros civis em 1861, e 7.124 em 1881. Mas em 1911, contando-se os engenheiros de minas, só havia 7.208.

\*\* Omitindo-se os empregados de hospedarias e hotéis, que ainda eram classificados juntamente com eles.

em 1881, a proporção caíra para apenas 1.600.000 de 12.800.000; e nas vésperas da I Guerra Mundial os agricultores eram menos de 8%. As cidades que agora constituíam a verdadeira Grã-Bretanha não eram mais os desertos totalmente abandonados e negligenciados da primeira metade do século, onde só se ganhava dinheiro. Os horrores daquele período, ilustrados dramaticamente nas crescentes epidemias, que não poupavam sequer a classe média, provocaram uma sistemática reforma sanitária a partir da década de 1850 (esgotamento de água, limpeza de ruas etc.), a opulência havia permitido obras municipais e, em combinação com a agitação radical, conseguiu-se até mesmo salvar alguns espaços abertos e parques para uso público. Por outro lado, ferrovias, e estações rasgaram faixas largas, penetrando nas zonas centrais das cidades, empurrando a população que vivera antes ali para outros cortiços e cobrindo os que ficaram com aquela grossa camada de fuligem que até hoje pode ser vista em alguns cantos das cidades do norte. O acre jog que os estrangeiros achavam tão típico envolveu ainda mais firmemente a Grã-Bretanha vitoriana.

A cidade da era vitoriana era em muitos sentidos, excetuado talvez o de beleza, muito melhor que as das décadas de 1830 e 1840, embora isso se devesse antes a gastos gerais em equipamento urbano básico e em melhorias, do que a qualquer esforço governamental para elevar as condições de vida da classe trabalhadora. No entanto, ainda assim havia um surto de reformas municipais que a beneficiava, e um impulso comercial, ainda mais forte, no sentido de explorar o desejo insatisfeito de diversão e o conforto já pronto que os trabalhadores pobres encontravam em instituições como o *gin palace*,\* com seus espelhos e vidros lavrados e no pseudo-requinte do *music-hall* vitoriano. Se a cidade britânica continuou, ainda assim, a ser um lugar horrível de viver, de feiúra só superada pelo horror que eram as ruas retilíneas e ladeadas de casinhas baixas das vilas industriais e mineiras do país, era porque a expansão urbana e industrial continuava a correr adiante das tentativas espontâneas ou planejadas de melhoramentos urbanos. A população de Londres cresceu de pouco mais de 1.000.000 habitantes em 1841 para pouco menos de 5.000.000 em 1881; a de Sheffield passou de 111.000 para 285.000, a de Nottingham de 52.000 para 187.000, e a de Salford de 53.000 para 176.000, embora as cidades de Lancashire já crescessem mais lentamente. Uma melhoria incontestável (talvez excetuado, mais uma vez, o campo da estética) só teve lugar nos crescentes subúrbios de classe média — Kensington desenvolveu-se principalmente nas décadas de 1860 e 1870 — e nas praias e pontos de veraneio, freqüentados pela classe média

\* Tipo de bar público, vistosamente decorado e freqüente nas cidades. (N. de T.)

e por arrendatários. Tais lugares cresceram rapidamente nas décadas de 1850 e 1860 — geralmente quando as ferrovias os alcançavam, muitas vezes por iniciativa de proprietários de terras, ansiosos por valorizarem seus imóveis.\*

De modo geral, a vida da maior parte dos britânicos melhorou nos “anos áureos”, ainda que talvez não tanto como pensavam os contemporâneos. Melhorou ainda mais, e de modo mais acentuado, durante a “Grande Depressão”, mas por motivos diferentes. No que toca à renda real, é provável que tenha parado de aumentar por volta de 1900, e em 1914 verificava-se uma estagnação perceptível ou mesmo um declínio do salário real, o que talvez seja a principal razão por que os últimos anos antes da I Guerra Mundial constituíram um período de inquietação trabalhista extremamente aguda e generalizada. Em outros aspectos, no entanto, é provável que aquela melhoria haja continuado.

A década de 1870 assinalou uma virada nítida. Até essa época, não importa o que acontecesse com os rendimentos índices seguros de bem-estar social como a taxa de mortalidade (e especialmente a de mortalidade infantil) não caíam sensivelmente. Na verdade, é provável que nas áreas urbanas hajam subido durante certos momentos dos “decênios áureos”. Depois disso, começaram a apresentar queda quase contínua, característica dos países desenvolvidos: lenta, mas visível a princípio, e mais rápida a partir do começo do séc. XX.\*\* A

\*\* O Duque de Devonshire urbanizou Eastbourne a partir de 1851. Os famosos “molhes” foram construídos em Southport em 1859-60, em Bournemouth (que possuía apenas 1.000 hab. em 1851) em 1861, e foram ampliados em Brighton em 1865-66.

\* Evolução da taxa de mortalidade (por 1.000 hab.):

Anos	Nascidos-vivos		
	Homens	Mulheres	(Óbitos de 0 a 1 ano de idade)
1838-42	22,9	21,2	150,0
1858-62	22,8	21,0	149,4
1868-72	23,5	20,9	155,8
1878-82	21,5	19,1	142,2
1888-92	20,2	17,9	145,6
1898-1902	18,6	16,4	152,2
1908-12	15,1	13,3	111,8
1914	15,0	13,1	105,0

medida que a taxa de natalidade começou também a decair, pelo menos entre as classes média e média baixa — em decorrência do controle da natalidade e da elevação do nível de vida (ver capítulo anterior) — o crescimento da população passou a depender menos da diferença entre uma taxa de mortalidade elevada e de uma taxa de natalidade ainda mais elevada, resultando cada vez mais da diferença entre uma taxa de mortalidade em declínio e de uma taxa de natalidade que diminuía com menor rapidez.

Nesse sentido, os “anos áureos” não foram de modo algum áureos. Contudo, em termos dos rendimentos reais e de consumo já mostravam um avanço manifesto. O salário real médio (levando-se em conta o desemprego) manteve-se quase inalterado desde 1850 até os primeiros anos da década de 1860, mas aumentou em cerca de 40% entre 1862 e 1875. Durante um ano ou dois, em fins da década de 1870, caiu um pouco, mas em meados da década de 1880 voltaram ao nível anterior e depois cresceu rapidamente. Em 1900 eram 1/3 maior do que tinham sido em 1875 e 84% maior do que em 1850. Então, como vimos, o salário médio parou de crescer.

Mesmo que encaremos essas médias gerais como fidedignas (o que não é muito aconselhável), é claro que elas não oferecem uma imagem realista da situação. Quando se fizeram os primeiros levantamentos sociais sérios (quase ao fim do século; Booth em Londres e Rowntree em York), as conclusões sugeriam que aproximadamente 40% da classe trabalhadora vivia na situação que era chamada “de pobreza” ou em estado pior ainda, ou seja, com um rendimento familiar de 18-21 xelins semanais.\* Tratava-se de uma massa miserável, dois terços da qual, num momento de suas vidas — geralmente na velhice — passariam a viver da mendicância.

No outro extremo da classe operária, um máximo de 15%, mas provavelmente menos, vivia numa situação de conforto para os padrões da época, com rendimentos de, digamos 2 libras ou mais. Em

\* Rowntree calculou o custo mínimo semanal de subsistência para um casal e três filhos em 21s. 8d. (1899), assim distribuídos:

Alimentação para marido e mulher	6s.
Alimentação para três crianças	6s. 9d.
Aluguel	4s.
Vestuário para adultos	1s.
Vestuário para crianças	1s. 3d.
Combustível	1s. 10d.
Diversos (luz, artigos domésticos, sabão etc.)	10d.

O alimento não incluía qualquer quantidade de carne de açougue, e era deliberadamente menos generoso que as dietas prescritas para mendigos válidos. Tal padrão de subsistência era, com efeito, o mínimo dos mínimos.

outras palavras, as classes trabalhadoras vitoriana e eduardiana dividiam-se em três faixas: a aristocracia dos trabalhadores, que normalmente vivia num mercado de vendedores (isto é, podiam manter-se em número suficientemente escasso para exigir salários mais altos); a massa não-qualificada ou não-organizada, que recebia apenas um salário de subsistência ou quase subsistência dos seus compradores; e uma camada intermediária.

Isto explica as oscilações um tanto diferentes dos níveis de vida nos "anos áureos", na Grande Depressão e no período eduardiano. Em fases de inflação, como o primeiro e o último desses três períodos, aqueles que conseguiam aumentar seus salários monetários mais depressa do que a subida dos preços logravam melhorar suas vidas. E assim faziam:

Comida sem mácula, roupas do mesmo feitio das usadas pela classe média, quando os alugueis da casa permitem, uma sala arrumada, com mobiliário severo e barato que, se não é luxuoso ou belo, é sintoma do luxo do auto-respeito, e indicação das coisas melhores que estão por vir, um jornal, um clube, uma folga ocasional, e talvez um instrumento musical.<sup>2</sup>

Foi assim que um observador bem fundamentado descreveu a condição em que viviam esses trabalhadores mais afortunados em meados da década de 1880. Nada disso, porém, existia para os 40% da massa não-qualificada ou para aqueles cuja oferta de trabalho não era bastante escassa. A situação destes só melhorava quando o desemprego diminuía (como ocorreu, com bastante certeza, a partir da década de 1840) ou quando se transferiam de atividades de baixa remuneração para as que pagavam melhor, ou de atividades estagnadas para aquelas em expansão (como vimos que muitos fizeram nos "anos áureos"). Todavia, pode-se afirmar com razoável grau de segurança que nenhuma melhoria geral sensível ocorreu antes da década de 1860. Talvez se possa fazer uma exceção para os trabalhadores agrícolas, cujo êxodo em massa dos campos melhorou a situação de todos, tanto dos que ficavam como dos que saíam. A massa de pobreza estagnada na base da pirâmide social permaneceu tão estagnada e desesperançada como antes. Nos primeiros anos deste século, lembrava-se um ancião:

... para lhe dar alguma idéia das condições que havia em Liverpool, era comum vender-se um vintém\* de leite; não só

\* Em inglês *farthing*. Corresponde à quarta parte de um *penny* (dinheiro ou líquido); a menor quantidade possível. (N. do T.)

era comprado e vendido, mas levado para casa também. No fim da semana, juntava-se um *penny* e três vintens, para comprar sete vintens de leite. Isto na parte mais pobre de Liverpool. ... Lembro-me de uma vez que eu estava trabalhando de cobrador no trem para Pier Head, desde a estação de Smithtown Road. Estava com setenta e cinco passageiros e todos pagaram dois *pence*. Quando fui contar o dinheiro, só havia uma moeda de três *pence*, o resto era tudo em moedas de cobre. Isso era um sinal da pobreza.<sup>3</sup>

A Grande Depressão trouxe consigo mudanças importantes. É provável que a mais rápida melhoria geral das condições de vida do trabalhador do séc. XIX tenha ocorrido nos anos 1880-95, só escurcida pelo *desemprego* um pouco mais alto desse período. Isto porque a queda do custo de vida beneficia tanto os mais pobres como os demais, e na verdade beneficia mais aqueles, proporcionalmente. E a "Depressão" foi, como vimos, sobretudo um período de queda de preços — mas os preços caíam em grande parte porque abria-se todo um novo mundo de alimentos baratos e importados para o povo britânico. Entre 1870 e 1896, o consumo *per capita* de carne aumentou em quase 1/3 na Grã-Bretanha, mas a proporção de carne importada triplicou. Entre o fim do séc. XIX e o período que se seguiu à I Guerra Mundial, cerca de 40% da carne consumida na Grã-Bretanha veio do exterior.

Na verdade, depois de 1870 os britânicos começaram a transformar seus hábitos alimentares. Começaram, por exemplo, a comer frutas, antes um luxo. A classe trabalhadora consumia frutas em forma de geléia; mais tarde passou a comer bananas, uma fruta nova e importada, que suplementava e substituíam a maçã como a única fruta fresca consumida pelos pobres das cidades. Até mesmo um elemento tão típico da vida do proletariado britânico, a loja de peixe com batatas, surgiu nesse período. Essas casas espalharam-se por todo o país depois de 1870, irradiando-se da cidade em que nasceram — provavelmente Oldham.

Além disso, a partir dessa data não só a oferta de alimentos cresceu como todo o mercado de bens de consumo para os pobres começou a se transformar com a multiplicação das lojas varejistas (sobre tudo das cadeias de lojas) e da produção fabril destinada especificamente ao público proletário. Uma faixa favorecida de trabalhadores, sobretudo no norte do país, havia começado a criar seu próprio mecanismo de distribuição a partir da década de 1840 — as "cooperativas", que a princípio se multiplicaram modestamente. Em 1881, seus membros não passavam de 500.000. Posteriormente, porém, o crescimento se fez com rapidez, e em 1914 havia 3.000.000 de sócios.

Mais impressionante foi o desenvolvimento das lojas em cadeia, que passaram de 10 filiais de açougues em 1880 para 2.000 em 1900, de 27 filiais de mercearias para 3.444 (na década de 1900 o crescimento tornou-se mais lento). Fato ainda mais expressivo — pois as primeiras cadeias visavam basicamente ao mercado da classe trabalhadora — foi a expansão das lojas de roupas e calçados, subproduto do desenvolvimento da produção industrial de botas e sapatos na década de 1860 e da fabricação industrial de roupas na década de 1880. Os calçados abriram caminho — já havia 300 lojas em cadeia em 1875, mas 25 anos depois seu número era de 2.600, metade das quais fundadas nos anos 90 —, enquanto as lojas de roupas masculinas mantinham um ritmo mais modesto, mas crescendo depressa até mesmo nos anos difíceis do primeiro decênio do séc. XX. As lojas de roupas femininas foram as mais lentas no seu desenvolvimento. Ainda não havia chegado seu momento.

Por essa época surgiu outro fato que teria importância no futuro, muito embora ainda não tivesse muito no momento. Seguindo o exemplo dos Estados Unidos, a industrialização começou a produzir bens de consumo duráveis relativamente baratos, como a máquina de costura (vendia a £ 4 na década de 1890) e a bicicleta. Essa máquina, nova e excitante, entrou quase imediatamente para o folclore popular, através dos *music-halls*, e para o folclore ideológico, através dos Clarion Cycling Clubs dos ardorosos socialistas jovens e de Bernard Shaw. A bicicleta não era acessível aos mais pobres, mas esse período lhes proporcionou o primeiro meio de transporte coletivo destinado especificamente à classe trabalhadora, o bonde. Tal meio de transporte praticamente não existia em 1871, mas em 1901 já empregava mais de 18.000 homens: a tarifa média dos bondes na década de 1880 era pouco menos de 1½ d. Por fim (e também neste caso a década de 1880 marca um momento de virada), transformou-se no entretenimento popular. Na Grã-Bretanha, mecanismos revolucionários como o fonógrafo e o cinema ainda estavam em sua infância, mesmo em 1914, mas o *music-hall* (pelo menos em Londres) teve seu primeiro boom na década de 1880 e seus anos de glória no decênio seguinte. Depois de 1900, tende a adotar uma atitude cautelosa atraindo o grande público familiar. As casas de variedades, cada vez mais opulentas, deixaram os subúrbios proletários, onde haviam surgido, transferindo-se para os centros das cidades. Ao mesmo tempo, o esporte, e principalmente o futebol, tornou-se a instituição nacional que conhecemos. Em 1885 foi legalizado o profissionalismo.

Em resumo, entre 1870 e 1900 surgiu o estilo de vida da classe trabalhadora britânica que os escritores, dramaturgos e produtores de TV da década de 1950 julgavam "tradicional". Tal estilo não era então "tradicional", mas sim bastante novo. Chegou a ser conside-

rado obsoleto e inabalável, uma vez que, na verdade, quase não sofreu modificações até a grande transformação da vida britânica na próspera década de 1950, e porque sua expressão mais completa era encontrada nos centros característicos da vida da classe trabalhadora de fins do séc. XIX, o norte industrial ou as áreas proletárias de grandes cidades não industriais como Liverpool e as zonas sul ou leste de Londres, que não mudaram muito, a não ser para pior, na primeira metade do séc. XX. Não era uma vida nem muito boa nem muito rica, mas era provavelmente a primeira espécie de vida, desde a Revolução Industrial, que proporcionava um abrigo seguro para a classe trabalhadora britânica dentro da sociedade industrial.

Evidentemente, o último quartel do séc. XIX foi um período em que a vida tornou-se muito mais fácil e variada para a classe trabalhadora, muito embora a era eduardiana trouxesse um retrocesso. Não obstante, tendências não são fatos consumados, e o quadro das condições sociais revelados pelas pesquisas da época — muitas vezes para chocante surpresa dos pesquisadores — era rétrico. Era o quadro de uma classe trabalhadora definhada e debilitada por um século de industrialismo. Na década de 1870 os meninos de 11 ou 12 anos que estudavam nas escolas públicas da classe alta rema em média 12,5 centímetros mais altos que os das escolas industriais; dos 13 aos 19 anos eram 7,5 centímetros mais altos do que os filhos de artesãos. Em 1917, quando o povo britânico pela primeira vez passou por um exame médico em massa, devido ao serviço militar, incluía 10% de rapazes totalmente incapazes para o Exército, 41,5% (48 a 49% em Londres) com "acentuadas incapacidades", 22% com "incapacidades parciais" e apenas mais de 1/3 em condições satisfatórias. A Grã-Bretanha era um país habitado por uma massa estoica de pessoas destinadas a passar a vida numa situação de subsistência mínima e incerta, até que a velhice as atirasse ao monturo da Lei dos Pobres, subalimentadas, mal abrigadas e mal vestidas. Pelo padrão de 1965, ou mesmo de 1939, mal começara ainda a ascensão da classe trabalhadora para um nível humano modesto.

Por felicidade, o desemprego, a insegurança e, talvez, acima de tudo, a perda de confiança no avanço automático do capitalismo britânico tornaram o povo menos propenso a aceitar passivamente seu destino e lhes deu meios eficientes de melhorá-lo. O socialismo reapareceu na década de 1880, recrutando uma elite de trabalhadores ativos e capazes, que por sua vez criaram e transformaram os movimentos trabalhistas de base mais ampla: os sindicatos e os novos partidos trabalhistas independentes, que convergiram para formar o Partido Trabalhista no começo da década de 1900. Os tempos mais duros da Inglaterra eduardiana prepararam o caminho para uma transformação política mais geral, que a guerra acelerou. O movimento sindical cres-

▷ 1901-1910

ceu, chegando a contar com cerca de 1.500.000 associados na grande "explosão" de 1889-90 e viu esse número aumentar para quase o dobro na grande "agitação trabalhista" de 1911-13, voltando a dobrar, e alcançando um pico temporário de 8.000.000 ao fim da I Guerra Mundial. Grande parte desse crescimento deveu-se ao desenvolvimento dos sindicatos em atividades até então organizadas, como as de transporte hidroviário, ferroviário e rodoviário, ou em setores não organizados de atividades mais antigas, como as de trabalhadores não-qualificados ou semiquilificados nas indústrias metalúrgicas. Grande parte deveu-se também à expansão dos sindicatos mais antigos.

A declaração política de independência por parte dos trabalhadores teve resultados menos espetaculares, ainda que em 1914 houvesse 40 trabalhistas no Parlamento. Felizmente, a concessão do direito de voto em 1884-85 deu à classe trabalhadora uma influência política consideravelmente maior sobre os partidos mais antigos, especialmente o Liberal, normalmente ansiosos por conservar seu eleitorado proletário. Pela primeira vez, as autoridades públicas e o Estado pensaram seriamente em melhorias sociais. Em 1914 já se podia perceber o contorno de um sistema de previdência social — resultado de legislação Liberal depois de 1906. Todavia, o setor público ainda não tinha grande importância prática. As pensões por velhice (cinco xelins semanais, a partir dos 70 anos de idade), introduzidas em 1908, eram a única forma de benefício social genuinamente redistributivo, se executarmos a Lei dos Pobres. A Lei de Seguro Nacional de 1914, como deixa entrever seu nome, pretendia ser um sistema de seguros atualmente correto, financiado por prêmios, e embora seus serviços médicos fossem escassos, porém úteis, sua capacidade de prevenir o desemprego mostrou, depois de 1920, que o sistema era acentuadamente limitado. O governo central ainda despedia quantias insignificantes em objetivos sociais diretos, com exceção da educação: £ 17 milhões em 1913, de uma despesa bruta total de £ 184 milhões, em Pensões por Velhice, Bolsas de Trabalho e Seguro de Desemprego. Em 1939 essas despesas chegavam a £ 205 milhões, numa despesa total de £ 1.006 milhões. As despesas dos governos locais eram, relativamente, menores ainda. Atingiam cerca de £ 13 milhões de um total de £ 140 milhões (na Inglaterra e no País de Gales, 1913), o que representava, na realidade, um percentagem inferior à verificada 50 anos antes, pois os benefícios oriundos da Lei dos Pobres, o item principal, nem sequer haviam dobrado, ao passo que a despesa total dos governos locais havia aumentado cerca de cinco vezes desde 1868. A habitação pública praticamente não existia. Em 1884, quando começam as estatísticas, cerca de £ 200.000 eram gastos para essa finalidade, provenientes de taxas e empréstimos; em 1913, cerca de £ 1 milhão. Para efeito de comparação, podemos observar que na

década de 1930 a despesa pública com a habitação nunca caiu a menos de £ 70 milhões por ano. Em suma, na verdade os pobres pagavam mais em impostos do que recebiam de volta em serviços sociais.

A situação da classe superior era muitíssimo diferente, e a imensidão da brecha entre o topo e a base da sociedade era meramente sublinhada pela orgia de gastos ostensivos a que muitos ricos, liderados pelo Rei Eduardo VII, símbolo da classe suntuária, se entregaram nas décadas que antecederam 1914. Biarritz, Cannes, Monte Carlo e Marienbad — o hotel internacional de luxo foi nitidamente um produto dessa época e encontrou no estilo "eduardiano" sua melhor forma arquitetônica; iates a vapor e grandes estábulos de cavalos de corrida, trens particulares, massacres de pássaros em caçadas e fins-de-semana em casas de campo ostentatórias, que se prolongavam por semanas a fio — tudo isso preenchia o lazer cada vez mais prolongado dos ricos. Somente 6% da população deixava alguma propriedade digna de qualquer registro ao morrer. Apenas 4% deixava mais de £ 300. Mas em 1901-02 pouco menos de 4.000 propriedades rurais pagaram impostos sobre um capital total de £ 19 milhões, e 149 foram avaliadas em £ 62,5 milhões. Os ricos ainda eram ricos, pois a libra esterlina ainda era a libra esterlina. O Duque de Bedford, abalado (como se diziam, aliás, todos os proprietários de terras) pelos efeitos da depressão agrícola, não estava falido a ponto de não poder oferecer a seu agente salário e pensão vultosos, juntamente com o direito de ocupar uma casa de campo, servida às expensas duais por três criados internos e sete externos, além de três coiteiros, a utilização de outra casa de campo e mais caça, hortaliças, creme, leite, manteiga e uísque gratuitos.

Abaixo dos ricos estavam as classes média e baixa média, um segmento amplo que compreendia — se definirmos como pertencentes a elas aqueles que mantinham criados — cerca de 30% da população, pelo menos em York. Em meados da era eduardiana, talvez 1.750.000 pessoas pertenciam a famílias que ganhavam (ou pelo menos recebiam) mais de £ 700 anuais, rendimento esse que proporcionava uma situação de conforto, enquanto cerca de 3.750.000 pessoas pertenciam a famílias com rendimentos entre £ 160 e £ 700 anuais, o que era razoável. Em 1913-14, o homem adulto médio ganhava aproximadamente 30 xelins por uma semana de 50 horas de trabalho (ou uma renda anual, se não deixasse em nenhum momento de trabalhar, de £ 77), enquanto a mulher adulta média, empregada na indústria, ganhava 13 xelins e 6 pence, por igual semana de trabalho (ou, se plenamente empregada, £ 35 anuais). Essas camadas médias comiam bem, e na verdade comiam demais. Moravam bem, cada vez mais naqueles subúrbios da classe média e média baixa que circundavam as áreas menos fumarentas das cidades, em habitações que iam

das modestas casas com terraços ou das casas com jardins, semi-recuadas, de bairros como Tooting, passando por zonas mais opulentas como Wimbledon, até chegar à faixa de corretores da bolsa no campo verde que se estendia além: fortalezas de conservadorismo político que seus defensores deixavam toda a manhã, armados com os novos jornais do tipo do *Daily Mail* (1896), dirigindo-se aos escritórios onde trabalha um número cada vez maior deles.

Em 1906 talvez meio milhão de empregados ganhavam mais de £ 160 libras por ano (ou aproximadamente a metade do que ganhava a baixa classe média), embora o grosso do crescente número de funcionários burocráticos só tivesse aspirações em comum com as faixas mais elevadas da classe média. Mais de 3/4 dos homens empregados no comércio e de todas as mulheres que trabalhavam ganhavam menos de £ 3 libras semanais em 1910. (Mais de 3/4 das mulheres, ainda em minoria, ganhavam menos de £ 1 por semana.) Somente no setor bancário e de seguros é que os salários eram um pouco melhores. O burocrata pobre, sobretudo se fazia questão (como, naturalmente, ocorria) de um estilo de vida semelhante ao da classe média, não estava em condições muito melhores do que o operário bem remunerado, muito embora nas últimas décadas do século ele fizesse sua renda aumentar reduzindo o tamanho de sua família, através do controle da natalidade — principalmente através da abstinência sexual ou do *coitus interruptus*.<sup>3</sup> Recordemos as palavras de A. J. P. Taylor: "O historiador deve ter em mente que entre 1880 e 1940 tem em suas mãos um povo frustrado".<sup>4</sup> Para nenhuma classe essa afirmativa é mais válida do que para a baixa classe média no final da era vitoriana ou da era eduardiana.

No entanto, além dessas transformações mensuráveis no estilo de vida britânico, havia outras, igualmente importantes, mas não quantificáveis. A primeira era o conservadorismo — ainda então derivado basicamente de complacência — que, como vimos, fossilizava cada vez mais os ricos. A tendência de os Conservadores substituírem o Partido Liberal como expressão unida dos ingleses ricos, depois de 1874, reflete esse fenômeno, ainda que ele tenha sofrido uma breve interrupção no começo do séc. XX. O declínio do não-conformismo religioso — principalmente do não-conformismo da classe média — era obscurecido pelo crescente peso eleitoral da "consciência não-conformista", que se tornou nos últimos decênios do século XIX mais poderosa do que nunca, e pela contínua ascensão de empresários não-conformistas a posições de riqueza e de influência. Na verdade, a partir da década de 1870, o não-conformismo deixou de crescer acelera-

\* Os meios mecânicos para homens só se generalizaram entre as duas guerras e os destinados às mulheres só na década de 30.

damente, e com ele declinou uma força poderosa que tendia para o Liberalismo e para a iniciativa privada competitiva.

A assimilação das classes empresariais britânicas na trama social da pequena nobreza e da aristocracia havia ocorrido com grande rapidez desde meados do século XIX, período no qual se fundaram tantas das chamadas "escolas públicas", ou que foram reformadas pela exclusão final dos pobres, para os quais haviam sido criadas.\* Em 1869 foram mais ou menos liberadas de todo e qualquer controle governamental e dedicaram-se a elaborar aquele imperialismo ativamente anti-intelectual, anti-científico, conservador e voltado para o lazer que viria a ser sua marca característica. (Embora se atribua ao Duque de Wellington a *blague* de que a batalha de Waterloo foi ganha nos campos esportivos de Eton, isso era um mito de fins do reinado da Rainha Vitória, Eton nem existia ainda na época.)

Lamentavelmente, a escola pública logo passou a constituir o modelo para o novo sistema de educação secundária, que os setores menos privilegiados da nova classe média tiveram permissão para construir para seu uso após a Lei de Educação de 1902, e cujo principal objetivo estava em excluir dos colégios superiores os filhos de trabalhadores, que, "infelizmente", haviam conquistado o direito à educação primária universal em 1870. Por conseguinte, o conhecimento — e principalmente o conhecimento científico — foi relegado a segundo plano no novo sistema educacional britânico, visando à manutenção de uma rígida divisão entre as classes. Em 1897 menos de 7% dos alunos das escolas secundárias provinham da classe operária. Assim, os britânicos entraram no séc. XX e na era da ciência e da tecnologia modernas como um povo espetacularmente mal educado.

O torpor da economia já se fazia óbvio para a sociedade britânica nas décadas que antecederam a 1914. Os raros empreendedores dinâmicos da Grã-Bretanha eduardiana já eram, na maioria dos casos, estrangeiros ou pertenciam aos grupos minoritários: os financistas judeus-alemães, cada vez mais importantes, que proporcionavam o pretexto para grande parte do anti-semitismo do período; os norte-americanos, que desempenhavam papel tão importante na indústria elétrica; os alemães, na indústria química; os quacres e tardsios dissidentes provincianos, como Lever, que exploravam os novos recursos do império tropical. Por outro lado, as florescentes atividades da *City* — mesmo quando era óbvio serem produto de empresas não-conformistas provincianas como as de seguros de vida e as de construção — já se encontravam engolfadas numa pseudo-aristocrática rede de cavalheiresca não-competição. Tornou-se comum o diretor "testa-de-

\* Cheltenham, Marlborough, Rossall, Haileybury, Wellington, Clifton, Malvern, Lancing, Hurstpierpoint e Ardingly foram fundadas, e Uppingham transformada, entre começos da década de 1840 e meados da de 1860.

Livro de  
John Galworthy  
Notas de  
1932

ferro", um aristocrata posto na diretoria de uma companhia muitas vezes *louche*\* em decorrência do valor publicitário de seu nome. Sua contrapartida era o legítimo burguês que, ao contrário de seus predecessores do tempo da Liga Contra a Lei do Trigo, imaginava ser, e tornou-se realmente, o *gentleman* da espécie descrita em *The Forsythe Saga*. (1906-1928)

Surgiu daí, conseqüentemente, a mítica e típica Grã-Bretanha dos cartazes de turismo e dos calendários do *Times*. O forte acúmulo na vida pública britânica de rituais pseudo-medievais, como o culto da realeza, remonta ao final do período vitoriano, como também a ficção de que todo inglês mora numa casa de campo coberta com palha ou é um fidalgo rural. Como vimos, entretanto, na outra extremidade da escala social o mesmo período assistiu ao surgimento de um fenômeno social bastante diferente, o característico estilo de vida "tradicional" da classe trabalhadora urbana britânica. Contudo, ao contrário do que sucedia entre as classes altas, tal fenômeno não refletia meramente regressão e fossilização, e sim — a despeito de estreiteza e rigidez — modernização. O socialismo que dominava cada vez mais o movimento trabalhista pode ter sido extremamente vago. Muitas vezes, como ocorria em seus aspectos pacifistas e internacionalistas, tratava-se de pouco mais que um prolongamento proletário do *Little Englandism*\* não-conformista, radical-liberal, que as classes empresariais estavam abandonando rapidamente. No entanto, aquele socialismo estava *de fato* empenhado em uma mudança estrutural básica da economia. Baseava-se numa análise econômica que levava em conta, como não o fazia a ortodoxia econômica cada vez mais ossificada no "Treasury Mind", fatores novos como a tendência para a concentração e a necessidade de uma intervenção governamental cada vez mais sistemática nos assuntos econômicos. Talvez fosse essa a razão pela qual grupos pequenos e ainda pouco representativos de pensadores tecnocráticos e gerenciais, como os fabianos, viram-se atuando no seio do movimento trabalhista. A tragédia do movimento foi que na prática ele não esteve à altura de sua teoria.

NOTAS

<sup>1</sup> Briggs, Coles and Postgate, Kitson Clark (Sugestões para Leitura 2), Clapham, Checkland, Ashworth (Sugestões para Leitura 3). O material básico sobre o padrão de vida da classe trabalhadora encontra-se em artigos

\* Em francês no original, significando suspeita. (N. de T.)  
\*\* Defendiam o princípio que a Inglaterra devia diminuir a sua ação nas colônias. (N. de T.)  
\*\*\* Em sentido figurado, significando permanência de idéias ultrapassadas. (N. de T.)

de G. H. Wood, *Journal of the Royal Statistical Society*, 1899 e 1909. Asa Briggs, *Victorian Cities*, S. Pollard, *History of Labour in Sheffield*, e H. J. Dyos, *Victorian Suburb* (1961), são úteis com relação aos problemas urbanos. W. Phelps Brow, *Growth of British Industrial Relations* (1959), informa sobre as condições e a legislação sociais. J. B. Jefferys, *Retail Trading in Great Britain 1850-1950* (1954), é bom, mas estatístico. H. Pelling, *A History of Trade Unionism* (1963) e *The Origins of the Labour Party* (1965) devem ser complementados com R. Tressell, *The Ragged-Trousered Philanthropists* (romance). G. e W. Grossmith, *Diary of a Nobody*, é fonte útil com relação à baixa classe média. Sobre a educação, ver Brian Simon, *Education and the Labour Movement 1870-1920* (1965). W. S. Adams, *Edwardian Portraits* (1957) é fonte excelente para o conhecimento das classes altas. E. P. Thompson, "Homage to Tom Maguire" (in A. Briggs e J. Saville. ed., *Essays in Labour History*, 1960), constitui soberba introdução ao reavivamento do socialismo. Ver também figuras 2, 7, 12, 16, 17 e 18.  
<sup>2</sup> Pollard, op. cit. pág. 105.  
<sup>3</sup> Tom Barker and the IWW (org. por E. C. Fry, Australian Society for Labour History, 1965), págs. 5, 7.  
<sup>4</sup> A. J. P. Taylor, *English History 1914-45* (1965), pág. 166.

\* Sociedade Fabiana  
Fundada em 1884 por um grupo de intelectuais burgueses  
Reformista e oportunista